

«O ENCOBERTO» tem a condicionante de um tempo mas dele se descondiciona na intemporalidade do próprio tema.

O seu enquadramento é histórico. Situa-nos no período paradigmático da monarquia filipina. Paradigmático porque em «ocupação estrangeira» se traduz o poder sempre que exercido despoiticamente. Na altura em que a peça foi escrita, essa conotação com o regime que então vigorava em Portugal foi-me recurso paraocar uma situação presente que o rigor censório não permitia abordar às claras. Mesmo assim não consegui a peça passar às malhas da severíssima censura que nela só descortinou um manifesto contra o facismo exótico à vontade dos portugueses e por isso identificável com o reinado filipino. Dentro da moldura histórica adensavam-se contudo os valores mais importantes de **O ENCOBERTO**. No negativo da alienação dos povos e dos indivíduos germina o sonho que liberta. A irracionalidade do poder que escraviza só pode ser destruída, no sentir dos que impotentemente a sofrem, por outra irracionalidade: a do libertador impossível, o Monarca da Bruma. **«O ENCOBERTO»** é a confrontação surda destas duas irracionalidades. A insolução é, consequentemente, a poética e o humor lírico que se dão lide na peça.

Mas é de salientar que D. Sebastião não é um exclusivo da antasmagoria nacional, ainda que por situação — extrema geográfica e psicológica — a índole portuguesa seja particularmente propícia à radicação do mito sebástico. Sempre entre nós no «sentimento do fim» desponta o espectro do «Desejado». Neste mesmo período vivido após o 25 de Abril, a psicologia catastrofista que o em caracterizado irrequieta as raízes perpétuas do mito provocando a sua ressurgência. Já quantos decifram nas brumas da grande complexidade nacional o vulto esfumado do Rei Encoberto! E desta vez, a decadência ocidental de que somos dolorosa agudização nos investe da trágica mediunidade. É lícito falar-se hoje de uma europeização do messianismo para não dizer mesmo mundialização. Por isso, na minha peça, **«O ENCOBERTO»** se afasta gradualmente da condição lusa, explodindo, no final, em aparição que vem do céu. Ou seja, do páramo comum a todos os olhos que na terra para ele se erguem neste desencantado final de ciclo, sondando os sinais anunciadores do esprançoso Recomeço.

NATÁLIA CORREIA